

EDITORIAL

por Raquel Abecasis

Avaliar é importante

Este mês falamos, como sempre, da vida da VIDA, dos projectos que continuam, dos que estão a terminar, mas que deixam raízes no terreno e assim se fazem vida daqueles com quem trabalhámos.

O traço comum é o mesmo, na Guiné-Bissau ou em Moçambique:

- Detectar os problemas com as populações locais e procurar respostas duradouras. É por isso que em nenhum dos nossos projectos há as pessoas da VIDA e as comunidades. O que nos caracteriza é não nos distinguirmos das populações, pelo contrário, trabalhamos lado a lado, em franca cooperação e aprendizagem mútua.

E porque assim é, achamos fundamental avaliar o que fazemos. Na newsletter deste mês pedimos à Rute Caeiro e ao Miguel Brito, ambos do meio académico, que nos contassem o seu trabalho no terreno.

Com os dois a VIDA estabeleceu protocolos de formação técnica e de avaliação do impacto dos nossos projectos, junto das populações.

Sabemos que a melhor forma de melhorar processos e de fazer bem é medir resultados, avaliar estratégias e juntar conhecimento ao trabalho no terreno. Por isso para a VIDA desde os seus primeiros passos a ligação à universidade foi sempre fundamental, porque avaliar o trabalho feito, é mesmo importante.●



Por Patrícia Carvalho
Coordenadora de saúde

O projecto “Tabanka Ku Saudi”, uma das vertentes do PIMI – Programa Integrado para a Redução da Mortalidade Materno Infantil, co-financiando pela UE, UNICEF, Camões I.P. e Fundação Calouste Gulbenkian encontra-se na sua recta final.

As altas taxas de mortalidade materna e infantil na Guiné-Bissau representam desde sempre um desafio incontornável para as comunidades, Técnicos de Saúde, Direcções Regionais de Saúde, Ministério da Saúde e parceiros internacionais, alinhados com os Objectivos de Desenvolvimento Sustentável e tendo na mira uma sociedade global mais justa. Na procura incessante de caminhos para alcançar o objectivo, a revitalização da saúde comunitária entrou na agenda de todos os actores comprometidos com a aceleração da redução das taxas de mortalidade materna e infantil na Guiné-Bissau. Desde 2012, ainda em forma de “piloto” foram criadas, desenvolvidas e testadas metodologias e instrumentos de trabalho que dessem forma a esta nova estratégia que se materializa num pilar à saúde da mulher e da criança.

Nas regiões de Cacheu e Biombo (cerca de 300 mil habitantes) e sob a parceria e liderança das Direcções Regionais de Saúde, dos/as técnicos/as de saúde e acima de tudo das comunidades, durante os últimos 3 anos, foi criada uma rede de cerca de 800 Agentes de Saúde Comunitária (ASC) que promovem 16 Práticas Familiares Essenciais (PFE) nos Agregados Familiares das suas tabancas. Não perdendo o foco e fim último da mobilização de esforços, as crianças menores de 5 anos e as grávidas são o centro da atenção dos 3 pacotes essenciais que constituem as PFE: a promoção da saúde, a prevenção da doença, e o tratamento do paludismo, da diarreia e da pneumonia.

Procurando uma lógica de sustentabilidade, uma das principais boas práticas cultivadas pela VIDA baseia-se no apoio institucional e técnico às DRS para a implementação do programa.

A planificação, implementação, seguimento, monitoria e avaliação tem vindo a ser desenvolvida num espaço conjunto, assente na confiança e na mobilização dos saberes, dos que dão vida a uma parceria que se realiza em prol do princípio da sua existência: a aceleração da redução das taxas de mortalidade materna e infantil que contribuirá para o desenvolvimento da qualidade de vida da população.

Uma coexistência para a criação e crescimento de atitudes que visam a mudança de comportamento e a continuação de práticas que se revelam eficazes para o alcance das metas propostas. Muitos elementos do nível central (MINSAP), todos os elementos das Equipas Regionais de Saúde, 27 técnicos de saúde dos diferentes Centros de Saúde, 800 ASC, comunidades, 7 Supervisores Operacionais de Terreno VIDA, equipa de coordenação e logística VIDA, equipa da UNICEF e tantos outros parceiros, partilharam momentos de árduo e difícil trabalho, procurando a todo o momento soluções para os antigos problemas e para os que foram surgindo ao longo deste percurso. Histórias de construção e desconstrução de conceitos e estratégias, avanços e retrocessos. Porque acreditamos que talvez assim conseguíamos alcançar o nosso ideal de “Tabanka Ku Saudi”.

E com toda esta experiência, que marca a VIDA de todos nós que acreditamos, voltamos a acreditar mais longe. Mais uma vez juntos, aceitámos o desafio de construir mais um caminho, desta vez no Sector Autónomo de Bissau. Contamos que a saúde comunitária seja uma realidade em meio urbano, que concentra mais de um terço da população do país, e confiamos que por aqui passa a melhoria dos indicadores de saúde das grávidas e das crianças não só na tabanca mas também na cidade. *Nô sta djuntu.*

Por Miguel Brito

Centro de Investigação de Montanha (CIMO),
Escola Superior Agrária, Instituto Politécnico Viana do Castelo

Visitei a Guiné-Bissau entre 2 e 14 de Setembro de 2016, na qualidade de membro da equipa da Escola Superior Agrária do Instituto Politécnico do Castelo, no âmbito do projeto “Kópóti pa cudji nô futuro” – Agricultura, Saúde e Desenvolvimento, coordenado pela VIDA e financiado pela UE e Camões I.P.

Os principais objetivos da visita incluíram: i) o relacionamento com o Instituto Nacional de Pesquisa Agrária (INPA), onde se professaram os cursos de formação avançada para técnicos; ii) a visita às aldeias e o acompanhamento dos ensaios de arroz que nestas se realizam, e iii) a avaliação do campo de demonstração construído no âmbito do projeto. A visita permitiu-me, também, conhecer a paisagem, a agricultura e a sociedade, do sector autónomo de Bissau e da região de Cacheu.

À chegada à Guiné-Bissau fui recebido pelo coordenador do projeto, Pedro Santos. Nessa tarde, reunimos com responsáveis do Instituto Nacional de Pesquisa Agrária (INPA). Aqui, apresentaram-me as boas-vindas em nome do diretor Simão Gomes, que vim a conhecer, posteriormente, durante os cursos de formação.

Tive, assim, a oportunidade de conversar sobre o INPA com João Aruth (diretor científico), Elísio Barreto (chefe do departamento de agro-economia), José Mora N`Sume-ne (diretor de informação e documentação) e Colido Vieira (técnico do INPA), ficando desde logo surpreendido pela diversidade de formações em países distintos, neste caso, Itália, Hungria, França e Rússia, dos técnicos e responsáveis deste instituto

Partimos para Suzana, onde visitei o principal campo de demonstração do projeto, acompanhado pelo Pedro Santos e o Samuel Óscar Fernandes. Neste campo realizam-se ensaios de rotação de culturas e de

fertilização do solo, e praticam-se diversas operações culturais de sementeira e plantação de espécies hortícolas e plantas aromáticas.

O campo inclui ainda uma zona para compostagem e sistema de rega e é também um campo de demonstração para as mulheres agricultoras que produzem tomate.

Nos dois dias seguintes, visitei cinco tabancas da etnia felupe que a VIDA identificou na região de Cacheu, onde a cultura do tomate, principalmente produzido pelas mulheres, se tem assumido como cultura de rendimento, contribuindo para garantir o sustento das suas famílias e a melhoria das suas condições de vida, a nível da educação e saúde das famílias e das comunidades.

Estas aldeias, Bulol, Eossor, Djufunco que visitei no primeiro dia e Elalab e Edjin no segundo, têm como característica geográfica comum o isolamento face às vias de comunicação e transporte. Constatei que a atividade agrícola predominante nestas tabancas é a produção orizícola por alagamento sendo o arroz a base da alimentação de todas as famílias.



Viveiros de arroz

Nestas tabancas, instalaram-se ensaios com variedades de arroz adaptadas às condições edafo-climáticas da região e às preferências das agricultoras, e que servirão para demonstrar às agricultoras a capacidade produtiva das mesmas, bem como outras características relevantes por si identificadas.

Nos termos do projeto, espera-se que a adoção de novas cultivares de arroz, aliada à melhoria da fertilidade dos solos e utilização de práticas adequadas, possa permitir um aumento na produtividade, e garantir que as famílias possam obter um arroz de melhor qualidade atendendo às suas preferências. Os cursos avançados, realizados no INPA em Bissau, incidiram sobre: Delineamento experimental e análise estatística; e Fertilidade do solo e fertilização. Estes cursos destinaram-se aos técnicos superiores do INPA, de direções gerais e regionais do Ministério da Agricultura e da ONG VIDA, e tiveram como objetivos:

1 - Capacitar os técnicos para: (i) compreender a importância e os processos da investigação e as formas da comunicação científica; (ii) as regras do delineamento experimental e condução de ensaios; e (iii) a análise e interpretação de resultados.

2 - Capacitar os técnicos para: (i) avaliar a fertilidade físico-química do solo; (ii) avaliar as necessidades de correção mineral e orgânica do solo; (iii) avaliar as necessidades das culturas hortícolas em nutrientes e recomendar a sua fertilização; e (iv) recomendar técnicas de compostagem que aumentem a qualidade dos compostos.

O programa de fertilidade do solo abordou os processos que explicam o movimento dos nutrientes do solo até às plantas com o objetivo de compreender como se pode aumentar a disponibilidade destes nutrientes no solo, a partir da utilização de fertilizantes orgânicos, de resíduos das culturas e da adubação verde (sideração).

Descreveram-se as características que devem ter os materiais para compostagem, o processo de compostagem, e as técnicas para maximizar os benefícios da compostagem de forma a obter produtos de elevada qualidade. Referiu-se a utilização da Azola Pinata, na produção de arroz e o modo de controlo e de combate da Estriga.



Os participantes possuíam formação em diferentes áreas de conhecimento, e apresentaram elevada habilitação para frequentar estes cursos avançados. A avaliação realizada pelos participantes, demonstrou que ficaram satisfeitos com os temas abordados, com o formador e com a organização em geral. No entanto, os participantes de ambos os cursos criticaram a duração do curso, considerando-a reduzida.

Muito agradeço à Patrícia Maridalho, ao Pedro Santos, a todos os técnicos da ONG VIDA, do INPA e do MA, e a todos aqueles que conheci nesta visita, pela oportunidade que me proporcionaram para conhecer e aprender sobre a agricultura e a sociedade da Guiné-Bissau, e para partilhar os meus conhecimentos, em condições humanas e naturais que muito me sensibilizaram, e motivaram a trabalhar neste projeto.●

Por Rute Caeiro

Investigadora da NOVAFRICA



Em meados de 2015, o VIDA deu início ao projecto “Kópóti pa cudji nô futuro”, que visa capacitar as mulheres agricultoras em técnicas agrícolas melhoradas, incentivar a adopção de insumos agrícolas, fomentar o associativismo entre agricultores e melhorar o acesso aos canais de comercialização dos produtos agrícolas. Tudo isto com vista a melhorar as condições de vida dos agregados familiares do sector de São Domingos, na Guiné Bissau.

É no âmbito deste projecto que o VIDA, em colaboração com o centro de investigação NOVAFRICA, está a realizar uma avaliação de impacto do projecto. Numa nota mais pessoal, deixem-me adicionar que é com bastante satisfação que tenho podido acompanhar de perto, enquanto coordenadora de avaliação de impacto, os resultados da parceria do VIDA com o NOVAFRICA. Tem sido não só uma parceria que me tem permitido, enquanto investigadora, compreender melhor o mundo do desenvolvimento (as suas dificuldades e as suas vitórias) do ponto de vista de quem o implementa diariamente no terreno, como tem sido um ponto de partida para debater, partilhar ideias e delinear estratégias em prol do desenvolvimento, criando assim uma ponte de ligação entre a investigação e a implementação de projectos.

Esta partilha de conhecimentos e experiências é, a meu ver, um ponto-chave para quem, como eu, decidiu dedicar a sua carreira ao desenvolvimento.

É no contexto desta parceria que está a decorrer a avaliação de impacto ao projecto “Kópóti pa cudji nô futuro”. A avaliação de impacto vai-nos permitir obter medidas precisas e credíveis dos resultados do projecto, de forma a compreender o que mudou em termos de práticas agrícolas, produção e diversificação agrícola, rendimento, consumo e nutrição das famílias.

Em suma, permite identificar de que forma é que as vidas dos beneficiários mudaram devido à participação no projecto. Acima de tudo, permite ajudar a aperfeiçoar os projectos que visam melhorar a vida das comunidades com que o VIDA trabalha, e aumentar o conhecimento do tipo de intervenções agrícolas que fomentam o desenvolvimento. Como tal, no decorrer desta avaliação de impacto estão a ser acompanhadas de perto 150 famílias, nas localidades abrangidas pelo projecto, junto das quais recolhemos informações sobre as suas condições socioeconómicas e práticas agrícolas antes, durante e após a implementação do projecto.●



Por Evaristo Ecuecuere
Equipa VIDA em Moçambique

Acompanhamento ao associativismo e sua importância

É muito importante o trabalho levado a cabo pela VIDA na área de associativismo, embora que tenha sido um processo longo para alcançar os objetivos.

Antes da VIDA, as associações não tinham bases definitivas, linhas gerais nem tinham metodologias para seguirem, no que diz respeito à área do associativismo. Mas o tempo foi ditando a verdade. Hoje o aparecimento da VIDA no distrito de Matutuine veio abrir as mentes das pessoas e satisfazer as necessidades dos grupos-alvo (associações) que careciam de conhecimentos necessários.



Ronda de acompanhamento à associação de camponeses da Ponta de Ouro

A VIDA trouxe a verdadeira paz na área do associativismo, onde o trabalho começou com pesquisas e identificação das zonas e respetivas associações ao nível de todo o terreno do distrito de Matutuine. Feito este trabalho, iniciaram-se as formações na área da agropecuária, economia doméstica, saneamento do meio, feiras entre comunidades, visitas de intercâmbio (formação e partilha de experiência) provinciais, e também fora do país.

Tudo isso com o objetivo de preparar o grupo alvo em conhecimentos práticos e teóricos, chegando-se ao ponto de as associações receberem formação nesta área do associativismo.

ssau.

É louvável o trabalho feito pela VIDA desde a sua existência em Matutuine e de extrema importância, não só para os associados mas também para a equipa que está à frente do processo, porque os conhecimentos adquiridos são enormes, as experiências na organização do trabalho também são excelentes; além da cultura, uso e costumes que juntos vivemos.

Hoje as associações também tem um impacto extremamente positivo: a vida mudou completamente em relação à vida anterior, as mentes estão abertas, a visão é outra, a organização dos seus trabalhos e a metodologia é bem definida; com rigor, as legalizações estão a ser feitas e muito mais...

Com tudo isso, como prova feita, hoje as associações estão unidas num único punho denominado UAAMAT. E estão de parabéns e que tenham vida como a própria VIDA oferece a vida às associações para terem vida para viver. •



A VIDA num minuto


Os olhares das mulheres guineenses que participaram no "Fotografar é dar Vida" foram até ao Festival Internacional de Fotografia de Paraty, no Brasil, dia 16 de Setembro, através da Elisabete Monteiro e do Daniel Meirinho, responsáveis pela atividade. Promovida pela VIDA em colaboração com os Bagabaga Studios, esta atividade foi financiada pelo Instituto Camões e Fundação Calouste Gulbenkian.



Dia 23 de Julho, realizou-se um Dia de Campanha sobre Alimentação e Nutrição para as famílias de Matutuíne – uma ação conjunta da VIDA, CESAL, ANSA, o Serviço Distrital de Saúde Mulher e a Ação Social SDSMAS de Matutuíne – onde participaram 40 produtoras de Batata-doce de Polpa Alaranjada da VIDA e 60 crianças. A atividade está inserida no projeto "Machambeiros de Matutuíne", numa parceria VIDA/CESAL e financiado pelo Instituto Camões e Junta de Andalucía.



O Fórum Nacional de Saúde Materna Infantil na Guiné-Bissau - organizado no âmbito do Programa Integrado para a Redução da Mortalidade Materno-Infantil da União Europeia -, que decorreu entre os dias 12 e 13 de Julho, abriu com as mulheres da tabanca de Gâ-Gandim com danças tradicionais, seguindo-se de um teatro apresentado por Agentes de Saúde Comunitária, no âmbito do projeto "Tabanka Ku Saudi" financiado pela UNICEF, Instituto Camões e Fundação Calouste Gulbenkian.